

LIVROS **NOVIDADE**

ELE QUER LIVROS QUE SE PORTEM MAL

Ao fim de quatro anos, Sandro William Junqueira terminou "No Céu Não Há Limões" (Caminho), digno sucessor de "Um Piano para Cavalos Altos", romance que levou o Expresso a considerá-lo, em 2013, um dos talentos artísticos a seguir nos próximos tempos. Conversa com um "escritor-esponja" que acredita no instinto e escreve com o corpo todo

Texto **José Mário Silva**

Ainda antes de começar a conversa, Sandro William Junqueira deixa o aviso: "Não tenho jeito para isto das entrevistas. Concordo com o que Hemingway dizia sobre os escritores não deverem falar sobre o que escrevem." Talvez por isso, traz uma espécie de cábula numas folhas. Não as chega a usar, mas é visível que funcionam como a tábua de salvação do naufrago. Em caso de dúvida, estão ali as suas ideias resumidas, uma vontade expressa de defender "No Céu Não Há Limões", o seu novo romance, por aquilo que ele é, sem traições involuntárias. "Não gosto de teorizar. Porque, para mim, a criatividade nada tem a ver com o pensamento. O cognitivo vem depois. É por ignorar onde o livro

me leva que tenho vontade de o escrever. Se soubesse, não o escrevia."

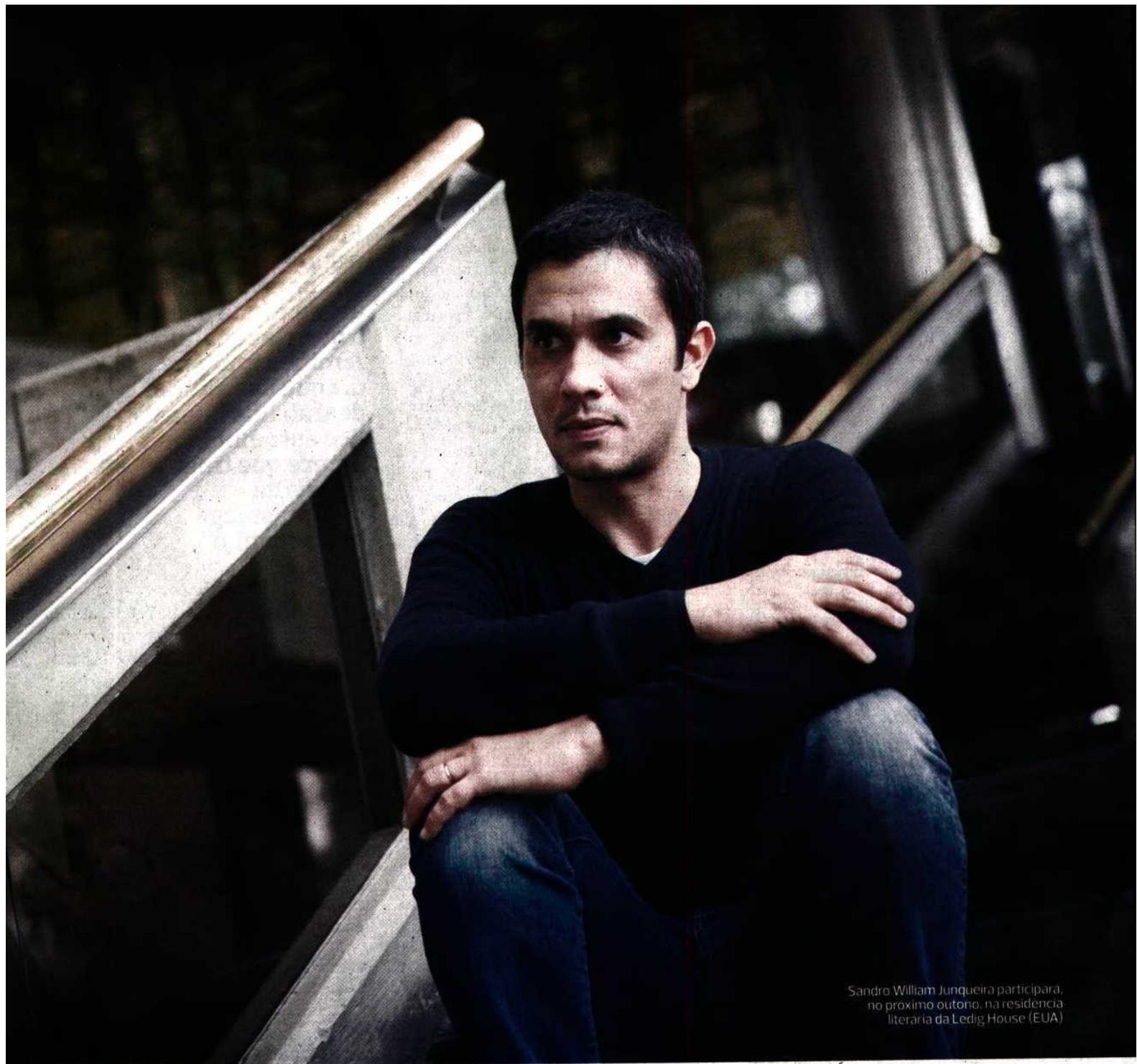
Para Sandro, a escrita é um processo de descoberta, um movimento orgânico que conduz ao inesperado. Vai-se fazendo à medida que se avança. "Quando começo, sigo sempre atrás de qualquer coisa: de uma imagem, de uma frase, de um quadro mental." No caso do anterior romance, "Um Piano para Cavalos Altos" (Caminho, 2012), a imagem fundadora, terrível, era a de uma mulher que amarra o filho ao piano, forçando-o a estudar. Desta vez, não houve uma imagem, mas duas. Primeira: "Uma velha sai de casa, segue por um trilho até junto de um limoeiro, levanta a saia, urina, há um limão que cai, ela baixa a saia,

JOSE VENTURA



pega no limão e volta para casa." Segunda: um padre entra no mar, molhando a batina, arranca o colarinho e atira-o para longe. "É sempre assim que uma história começa em mim. Com uma imagem forte. E, quando a imagem não vai embora, sei que é altura de começar a escrever. Depois, a partir desse núcleo, começo a construir tudo o resto." Então, o universo da narrativa alarga-se, expande-se, ganha forma, espessura, contexto.

Ao terceiro romance, Sandro já não tem dúvidas: "Mais do que escrever histórias isoladas, eu quero criar um território ficcional que seja meu." Esse território começou a ser esboçado em "O Caderno do Algoz" (2009), o livro de estreia, e ganhará cada vez mais



Sandro William Junqueira participará, no próximo outono, na residência literária da Ledig House (EUA)

consistência à medida que se for ampliando a bibliografia do escritor. Para já, as obras publicadas têm em comum o modo como as personagens são nomeadas (com atributos físicos ou profissionais: o Gémeo Canhoto, o Raquítico, o Acólito, a Médica-Cirurgiã, etc.) e a falta de referências cronológicas ou geográficas reconhecíveis. Em “Um Piano para Cavalos Altos” há uma “Cidade” cercada por um “Muro” com oito metros de altura, no interior da qual se ergue uma imensa “Fábrica”, e todas estas entidades, sinalizadas pelas maiúsculas, têm a força dos arquétipos platónicos. Em “No Céu Não Há Limões” atravessamos um país em guerra, dividido entre o Norte próspero e o Sul

miserável, com uma zona intermédia onde decorrem todos os combates, cujas perdas humanas são comunicadas via rádio como se fossem resultados desportivos. “Um dia, espero conseguir fazer um mapa onde caibam estes lugares todos dos meus livros. Porque é o mesmo mundo. Há muitas ligações entre as histórias e haverá cada vez mais. Neste último, por exemplo, uma das personagens secundárias, o Amputado, era o protagonista em ‘O Caderno do Algoz’.”

No tema da guerra, o escritor encontrou “um vazio de humanidade”. A violência começa por interromper o fluxo da vida, a ordem das coisas, mas depois banaliza-se, torna-se abstrata, uma mera sequência de

números vagos que chegam da frente de batalha. O conflito entre o Norte e o Sul transforma-se então numa tela de fundo para os dramas humanos que ocupam o centro da narrativa. “É algo que está ali por trás, sempre, um cenário de indefinição. E acaba por ser esse um dos temas centrais do livro. A indefinição que caracteriza o atual momento histórico. Vivemos um tempo em que as pessoas não percebem muito bem para onde é que o mundo avança, para onde é que isto tudo está a ir. Ninguém percebe. Não é de resto por acaso que os governantes dizem a toda a hora que querem previsibilidade, que os mercados exigem previsibilidade. Eles sentem a indefinição e a indefinição assusta.”



LIVROS NOVIDADE

Quando escreve, Sandro gosta de estabelecer metas e cumpri-las. A Zeferino Coelho, editor da Caminho, prometeu que o livro estaria terminado em novembro de 2013. Para a ponta final, contava com um mês de isolamento total na Ledig House, uma casa no estado de Nova Iorque que acolhe residências literárias de escritores de todo o mundo e por onde já passaram muitos autores portugueses. Problemas burocráticos de última hora, porém, inviabilizaram a viagem. Decidiu então fazer a residência na sua própria casa, em Portimão. “Caramba, eu até escrevo debaixo de uma mesa, se for preciso.” Durante semanas, com a anuência da mulher, fechou-se a escrever durante nove a dez horas por dia. E na data combinada entregou o manuscrito. “A grande alegria é essa, maior ainda do que ver depois o livro chegar às livrarias. Lembro-me de ter chorado convulsivamente. Porque houve muitos momentos em que julguei não ser capaz de acabar. Nesses momentos de pânico, ou desespero, tive de agarrar na energia negativa toda e focar-me.” Colocado o último ponto final, ao alívio somou-se um cansaço extremo. “Fiquei todo partido. Senti-me a cortar à meta da maratona e a cair redondo no chão.” Durante um mês, não fez absolutamente nada. “Parecia um *zombie*. Não queria pensar nem tocar neste livro ou noutra qualquer.”

A exaustão física tem muito a ver com o modo como Sandro trabalha. Enquanto escreve, é incapaz de desligar-se do mundo ficcional. “Estou mesmo a viver com as personagens, a sofrer com elas.” Frases escutadas na rua, informações lidas nos jornais, tudo gera associações de ideias que são absorvidas pelo livro, às vezes ao ponto de serem integradas na narrativa. “Fico hipersensível. É como se o mundo me quisesse dar pistas para o que estou a fazer.” O escritor procura ser então uma esponja do mundo. “Tenho o dever de olhar a realidade que me rodeia e de ver os socos que ela nos dá, e as maravilhas, e integrar esse espanto naquilo que eu faço.” Essencial, a capacidade de foco permite-lhe depois entrar no coração do livro e não perder os fios à meada. “Há um nó de adrenalina que funciona como motor. Empurra-me e aproxima-me das personagens, até sentir na pele o que elas sentem. A minha mulher diz que nas alturas de trabalho intensivo fico assombrado, parece que trago da escrita os fantasmas atrás de mim.”

Na literatura portuguesa contemporânea, não há escritor mais visceral do que Sandro William Junqueira. As suas personagens têm um corpo que se vê e ouve, sofrem da bexi-

“Há um nó de adrenalina que funciona como motor. Empurra-me e aproxima-me das personagens, até sentir na pele o que elas sentem. A minha mulher diz que nas alturas de trabalho intensivo fico assombrado, parece que trago da escrita os fantasmas atrás de mim”

ga e dos intestinos, fazem da pele o palco do nojo ou do desejo. Não podia ser de outra maneira, porque este autor tem como lema, ou arte poética, a seguinte ideia: “Quero ouvir a pulsação cardíaca atrás de cada frase.” E pretende que a escrita provoque efeitos físicos: desconforto, excitação, gargalhadas, repulsa. “Tem de ser sempre uma coisa do corpo, porque nós somos corpo.” A incomodidade que os livros possam causar ao leitor não o preocupa. “Como romancista, sigo a minha intuição, o meu instinto, gosto de levar as situações até ao limite. Nunca abdicarei disso. Os livros certinhos não me dizem nada. Serei sempre um autor de livros malcomportados.”

À semelhança de muitos outros portugueses, Sandro está no desemprego. Até há uns meses, dava aulas de expressão dramática numa escola pública, mas esse trabalho esfumou-se: “Lamentavelmente, o Ministério da Educação cortou tudo o que se relaciona com as Artes.” Ainda assim, e enquanto procura alternativas, não desistiu de um dos projetos que mais o preencheram nos últimos anos. Com os seus ex-alunos, voltou a concorrer ao projeto “Panos”, uma mostra de teatro escolar que se realiza anualmente na Culturgest, e pela quarta vez a sua encenação foi uma das escolhidas. Desta feita, aliás, esteve presente como encenador (de uma peça de Gonçalo M. Tavares), mas também como dramaturgo. “O teatro é uma grande paixão. Participar numa peça representa algo da ordem do sagrado. Aquelas pessoas, os atores, dão-te qualquer coisa, ali à tua frente, e tu retribuis. Para mim, o que o teatro tem sempre, e eu tento convocar para a literatura, é uma possibilidade de verdade.” **▲**



SANDRO WILLIAM JUNQUEIRA